
O ESTUDO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS*

Joseph Gusfield**

Na análise dos movimentos sociais constituiu-se até agora um campo amorfo e vago de pesquisa e teorias sociológicas, algumas vezes concebido como parte do campo geral do comportamento coletivo e em outras como parte do estudo das associações voluntárias. Nesse artigo, contudo, os movimentos sociais se definem como *exigências socialmente compartilhadas de mudança em algum aspecto da ordem social*. Essa definição coloca em evidência o papel que desempenham os movimentos sociais no desenvolvimento da mudança social, aspecto que nenhum estudioso do tema pode ignorar.

Em diversos momentos e circunstâncias, a

* Traduzido por Gabrielle Andrade da Silva.

** Foi professor da Universidade de San Diego (faleceu em 2015) e autor de diversas obras, entre as quais *Cruzada Simbólica; Significados Contestados – A Construção de Problemas com Álcool; A Cultura dos Problemas Públicos*.

legitimidade das instituições ou os valores consuetudinários de uma sociedade podem ser alvo de ataque de seus diferentes setores. Defende uma reorganização; mas a demanda por mudanças tropeça com a resistência e os antigos costumes e organizações são mantidos. O resultado é que os grupos se enfrentam entre si em algum tipo de conflito.

Um movimento social não é, pois, a soma inadvertida de muitas mudanças, mas uma acusação explícita e consistente contra toda ou parte da ordem social, e um pedido consciente de mudança. Possui também um componente ideológico, isto é, um conjunto de ideias que especificam o descontentamento, prescrevem soluções e justificam a mudança.

Movimentos organizados e movimentos desorganizados

No conceito de movimento social se mesclam as noções de associação formal e comportamento informal e difuso. Uma distinção significativa pode ser feita entre os movimentos sociais, ou setores de um movimento, “organizados” e os movimentos “desorganizados”. Esta

distinção é similar a que fez Herbert Blumer (1946) entre movimentos “gerais” e “específicos”. O setor organizado de um movimento se caracteriza pela presença de grupos organizados e estruturados, com programas específicos, uma estrutura de liderança formal, uma ideologia definida e alguns objetivos fixados anteriormente. Os seus seguidores são *membros* de uma organização, ao mesmo tempo que defensores de uma ideologia. A fase *desorganizada* de um movimento é caracterizada pela modificação de perspectivas, normas e valores que ocorre na interação de pessoas fora de um contexto associativo específico. Os seguidores são partidários, mas não necessariamente membros de nenhuma associação que defende a mudança planejada.

Por exemplo, o setor organizado do movimento feminista foi formado por várias associações que procuram atingir a meta da igualdade de direitos para as mulheres em muitos aspectos da vida americana; em sua fase desorganizada, o movimento consistiu em uma sutil e pouco divulgada redefinição dos direitos da mulher (na qual intervíram homens e mulheres), Na obra de Ibsen, *A Casa*

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 04, jan./jun. 2018.
[174]

das Bonecas, a protagonista, Nora, é *partidária* ativa deste movimento, sem estar filiada a nenhuma organização feminista.

Estes dois aspectos do fenômeno dos movimentos sociais levam muitas vezes a diferenças de perspectiva em estudos sociológicos. Os que focam na ação difusa e não organizada tendem a destacar características dos movimentos sociais análogas as de outros fenômenos de comportamento coletivo, e que constituem frequentemente uma característica notória da etapa de formação dos movimentos sociais e associações. A ação das turbas e multidões, a inquietação geral e a estrutura do vínculo pessoal ocupa um lugar importante em muitos estudos sobre a gênese dos movimentos sociais. (veja, por exemplo: CANTRIL, 1941)

Este tipo de estudo busca analisar como o descontentamento se manifesta em novas definições de direitos e privilégios, em acusações contra a ordem existente e, finalmente, em programas para novas estruturas institucionais. Assim, por exemplo, George Rudé (1959), em sua análise sobre a opinião pública entre a classe

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 04, jan./jun. 2018.
[175]

trabalhadora parisiense na vésperas da *Revolução Francesa*, atribui a origem de seu descontentamento à raiva pelo aumento dos preços do pão, mas é somente através de uma série de tumultos, declarações e contra-ataques que os protestos dos trabalhadores se convertem em uma ideologia da revolução.

A maioria dos estudos sobre os movimentos sociais consistem em pesquisas sobre o desenvolvimento de uma associação, desde o estágio de excitação coletiva até as atividades de grupos formalmente organizados. Nestes estudos, o movimento é identificado com os objetivos e ações das organizações (ver, por exemplo, HOLTZMAN 1964, LIPSET, 1950, WEBB; WEBB, 1894).

Políticas públicas e persuasão privada

Os setores organizadores e desorganizados dos movimentos sociais se influenciam reciprocamente. À medida que os movimentos sociais surgem, crescem e obtêm reconhecimento, tendem a provocar controvérsias públicas. Setores da sociedade sem posicionamento podem ser polarizados no sentido de apoiar o poder ou a oposição

resistente. O movimento em favor dos direitos civis dos negros nos Estados Unidos durante a década de 1960 dividiu a população branca relativamente indiferente em oponentes e apoiadores. Mesmo onde falta a participação organizacional, as pessoas tomam posições e ajustam seu comportamento em resposta a novas expectativas. Surgem questões onde havia consenso (HYMAN; SHEATSLEY, 1964).

Os movimentos sociais podem ser diferenciados pela forma como eles tentam alcançar seus objetivos, se é através de *políticas públicas* ou *persuasão privada*. Um movimento pode lutar por uma mudança efetiva na forma de governo ou outras instituições. Assim, o movimento Townsend¹ reivindicava a aprovação de uma legislação em

¹ O Movimento Townsend foi iniciado pelo médico norte-americano Francis Everett Townsend, cuja origem foi o seu plano (que ganhou seu nome), apresentado durante os anos da depressão após 1929, que propunha que todas as pessoas com mais de 60 anos recebessem 200 dólares por mês como uma pensão por velhice. O fundo de pensão rotativa para velhice deveria ser sustentado por um imposto nacional sobre vendas de 2%. Havia três requisitos para os beneficiários no Plano: 1) estar aposentado; 2) estar "livre de criminalidade habitual"; 3) gastar o dinheiro dentro de 30 dias (para estimular a economia). Em 1935, dois anos após ter publicizado seu plano, existiam mais de 3400 clubes organizados em defesa do Plano Townsend nos Estados

favor dos idosos (HOLTZMAN, 1964). E os cultos metodistas primitivos esperavam reformar a igreja anglicana (NIEBUHR, 1919). Outros movimentos sociais se dedicaram a convencer os indivíduos a uma linha de ação e ignoraram o uso de instituições públicas como agentes de controle. Os movimentos religiosos são mais propensos a procurar convertidos do que uma nova legislação. Mesmo no movimento americano para temperança, os estágios iniciais foram marcados por esforços para convencer os indivíduos a se absterem (GUSFIELD, 1963, capítulo 2).

Crença e politização

Embora os movimentos sociais possam usar ao mesmo tempo, frequentemente, a política pública e persuasão pessoal, é importante ter em conta que podem passar de uma forma de ação para a outra. Um dos problemas, mais importantes neste campo é, portanto, a maneira em que os movimentos sociais se politizam. A expressão religiosa de insatisfação pode substituir uma

Unidos, em toda a América e começaram a pressionar o Congresso para aprovar a pensão de velhice.

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 04, jan./jun. 2018.
[178]

expressão política (LIPSET 1960, p. 97-100). A tendência contrária às vezes também se manifesta. Por exemplo, os estudos dos movimentos milenaristas na Melanésia demonstram que movimentos religiosos podem se transformar em rebeliões políticas nacionalistas (WORSLEY, 1957).

O conceito de movimento social implica, então, em um grupo de pessoas que, por um lado, estão no caminho de rejeitar valores existentes e arranjos sociais, enquanto que, por outro, se esforçam para conseguir prosélitos para sua causa e para poder enfrentar a resistência que inevitavelmente surgem em suas atividades. Mas, embora o movimento seja frequentemente conduzido por associações, não é um fenômeno inteiramente associativo. É no sistema de crenças generalizadas e no compromisso engajado dos apoiadores destas crenças que encontramos os traços característicos de um movimento social. A unidade e a coerência de um movimento, em seus vários estágios e formas, depende da semelhança das crenças dos adeptos sobre a legitimidade de um novo tipo de comportamento, de sua rejeição ao existente, e sua exigência de adoção de um

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 04, jan./jun. 2018.
[179]

novo. É isto o que distingue um movimento social de outros tipos de associações baseadas em interesses específicos, assim como das explosões de hostilidade e protestos que não se refletem em demandas explícitas por mudança social.

Mudança Social e Base Social

Uma hipótese importante neste campo é a de que os movimentos sociais são produtos da mudança social. Em um dado momento, se produzem algumas circunstâncias nas quais já não são adequadas as relações estabelecidas. O resultado desta tensão entre o antigo e o novo é o descontentamento. Uma das tarefas do sociólogo ao analisar um movimento é a de identificar as mudanças sociais que tem provocado o descontentamento e especificar sua relação com o movimento. Por exemplo, foi comprovado que o movimento que pretendia impor a língua das zonas rurais norueguesas como língua oficial na Noruega nasceu do chauvinismo cultural com que os camponeses respondiam a influência de instituições e personagens urbanos nas províncias (MUNCH, 1954).

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 04, jan./jun. 2018.
[180]

Base social dos movimentos sociais.

Assim como a mudança raramente é uniforme em toda a sociedade, também um movimento social geralmente apela a alguns segmentos da sociedade, mas não a todos. Em outras palavras, ele tem uma localização na estrutura social. Por exemplo, o movimento de independência da Índia exerceu uma atração especial sobre os membros de profissões liberais que, como classe, viam fechadas muitas portas para suas carreiras ainda que tivessem recebido uma educação britânica (MISRA, 1961); o movimento poujadista na França atraiu pequenos industriais e agricultores (LIPSET, 1960, p. 154-165); o metodismo, em seus estágios iniciais, exerceu uma influência singular sobre a classe operária inglesa (NIEBUHR, 1929, Capítulo 02).

Um movimento específico pode, com certeza, atrair mais de um setor social ou cultural. As análises de movimentos sociais geralmente envolvem a consideração dos problemas colocados pelos esforços para unir diversos grupos sociais em uma associação. Assim, tornou-se claro que o movimento socialista americano era constantemente

dificultado pelos conflitos resultantes das diferenças entre o radicalismo dos nativos americanos da vida rural e o radicalismo dos trabalhadores urbanos, muitas vezes imigrantes. O primeiro era populista e anti-industrial, enquanto que o segundo tentava estender a industrialização desde que fosse regulado (BELL, 1952).

Privação relativa e mudança social.

Não existe uma relação unilinear simples entre as dificuldades experimentadas por um grupo e o desenvolvimento de movimentos sociais em direção à mudança. O princípio da privação relativa, no entanto, explica de alguma forma a relação entre a perda experimentada (ou a ameaça de perda) e a expressão e organização do descontentamento. A pesquisa mostrou que a situação absoluta de um grupo não é tão importante para gerar e focar o descontentamento quanto a percepção do que é justo, esperado e possível. As revoluções podem ocorrer, e muitas vezes ocorrem, depois que os setores revolucionários da população melhoraram sua posição econômica. Dadas as crescentes expectativas do grupo, a

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 04, jan./jun. 2018.
[182]

nova situação pode parecer ainda mais angustiante do que a anterior. Em certos casos, o medo de perder o que recentemente foi conseguido, pode semear e aumentar a inquietação. Por outro lado, a perda do *status* anterior pode influenciar a criação de movimentos sociais que tentam restaurar a situação anterior. Este foi um dos fatores do desenvolvimento do sindicalismo inglês: a industrialização ameaçava apagar as fronteiras entre o trabalho artesanal e mão-de-obra não qualificada, prejudicando assim o trabalhador qualificado (WEBB; WEBB, 1894, Capítulo 01).

Aspectos estruturais

Potenciais apoiadores de movimentos sociais também devem ser avaliados do ponto de vista de suas habilidades e oportunidades para o desenvolvimento da ação coletiva. A mudança social pode criar movimentos sociais mediante mudanças estruturais como um aumento na capacidade dos grupos para as tarefas de comunicação, direção e organização. Por exemplo, a educação colonial serve como campo de treinamento e, ao mesmo tempo,

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 04, jan./jun. 2018.
[183]

como a sementeira do descontentamento dos movimentos nacionalistas e anticolonialistas (MCCULLY, 1940).

Conteúdo ideológico

As crenças de qualquer movimento social refletem a situação única dos segmentos sociais que compõem sua base. Tomadas em conjunto, essas crenças equivalem a um *paradigma de experiência* pelo qual a ideologia e o programa do movimento parecem corretos, justos e adequados apenas a um segmento específico da sociedade, porque somente ele passou pelas experiências que poderiam fazer a ideologia parecer relevante e válida. Isso acontece mesmo quando a ideologia é colocada em termos muito gerais. Assim, o movimento em favor de uma emenda à Constituição dos EUA que proíbe a discriminação baseada no sexo foi baseado na retórica da igualdade de direitos para todas as mulheres. No entanto, esta emenda foi patrocinada por mulheres da classe superior, que se beneficiariam da igualdade com os maridos em direitos de propriedade, e foi contestada por mulheres da classe operária, que obtêm benefícios especiais de proteção e bem-estar sob leis que

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 04, jan./jun. 2018.
[184]

limitam suas horas de trabalho (GREEN; MELNICK, 1950). N Nesse caso, a retórica da “igualdade de direitos” tem um significado diferente para as mulheres trabalhadoras e para as mulheres da classe superior.

O Desenvolvimento dos Movimentos Sociais

Ao analisar a relação entre os movimentos sociais e as mudanças sociais, o sociólogo, como vimos antes, tenta sempre descobrir os segmentos de apoiadores unificados e os “abertos” ao movimento, as mudanças sociais que produzem tanto o descontentamento desses setores e os meios para expressá-lo, quanto a relação entre o conteúdo ideológico do movimento e as situações sociais específicas dos membros e apoiadores.

Comportamento coletivo e ação coletiva

No entanto, o descontentamento por si só está longe de ser causa suficiente para uma atividade de protesto ou para demandas mais explícitas de mudança. “Um movimento tem que ser construído e fazer o seu caminho em um mundo que é praticamente sempre oposto, resistente ou pelo menos indiferente” (BLUMER, 1957, p. 147). A

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 04, jan./jun. 2018. [185]

inquietação generalizada deve se concentrar em partes específicas da ordem social. Novas crenças devem ser criadas e novos aderentes devem ser conquistados. É preciso encorajar as pessoas a defender uma causa, mobilizando suas energias de maneira combinada. Quando isso acontece, o movimento geralmente adota novas características.

O fato de que um descontentamento inicial é organizado ou não em um movimento é em si problemático. Hobsbawm (1959) estudou uma série daquilo que ele denominou movimentos “arcaicos”, nos quais os protestos difusos não se traduziram em demandas organizadas por mudanças. Assim, por exemplo, o banditismo social siciliano dos séculos 19 e 20 se expressava e alimentava pelo difuso protesto do campesinato siciliano contra os ricos e os “marginais”. No entanto, este protesto nunca criou um conteúdo ideológico ou uma organização através da qual chegaria a um programa de demandas, táticas e estratégia.

O aparecimento de agitação em meio à inquietação favorece a criação de novas perspectivas de mudança social

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 04, jan./jun. 2018.
[186]

e dá sentido às mudanças sociais que produzem descontentamento. O desenvolvimento da liderança, das ações organizadas e da ideologia, canaliza o descontentamento em direção a um movimento organizado e muitas vezes dá origem a novas características devido à uma explosão inicial de energia. Os primeiros surtos de violência podem facilmente ir além de atacar um aspecto específico e definido do *status quo*. Na revolta húngara de 1956, os tumultos de rua não foram revolucionários a princípio, mas depois adquiriram esse caráter quando o movimento em favor de um novo regime adotou uma estrutura mais organizada e estável (GROSS, 1958, p. 319-321). Sem o surgimento de uma estrutura mais permanente, é provável que esses surtos sejam eventos isolados, como foram os distúrbios no Harlem de 1943.

Contingências

Eventos imprevistos e fora do controle ou influência do movimento frequentemente alteram a constelação de forças resistentes e de apoio, afetando fortemente seu desenvolvimento. Por exemplo, a inflação do final dos anos

vinte e início dos anos trinta contribuiu poderosamente para o desenvolvimento do partido nazista ao aumentar o descontentamento econômico da classe média-baixa, cujos laços emocionais com o nacionalismo os tornavam já membros potenciais do Nacional-Socialismo (FROMM, 1941; LIPSET, 1960, p. 138-152).

Contribuição Estrutural

A estrutura de uma sociedade afeta a origem e a forma dos movimentos sociais de maneiras muito diferentes. Este fenômeno foi designado por Smelser (1962) como “condutividade estrutural”. A dissidência pode ser permitida em uma sociedade, mas proibida em outra, de modo que, na segunda, o movimento deve tomar a forma de uma sociedade secreta. Assim, por exemplo, de acordo com a teoria de Selig Perlman (1928), as características únicas do movimento operário americano foram o resultado da estrutura de classe aberta nos Estados Unidos. Na Europa, afirmava Perlman, os operários não conseguiram encontrar solução para seu descontentamento econômico através da mobilidade para fora da classe operária. Em contraste, nos

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 04, jan./jun. 2018.
[188]

Estados Unidos, a perspectiva de mobilidade social dos trabalhadores era bastante grande. Disso resulta que os operários americanos tinham uma menor orientação para a união de classe e objetivos políticos que os trabalhadores europeus e mais orientados para questões imediatas de salários e condições de trabalho.

O estudo dos movimentos sociais

A literatura sociológica é cheia de tipologias de movimentos sociais, muitas vezes elaboradas de acordo com o interesse no desenvolvimento de uma teoria dos movimentos sociais. Entretanto, poucas investigações sobre movimentos sociais específicos têm lidado com o desenvolvimento de um arcabouço teórico; a maioria dos estudos foi motivada pelo interesse do pesquisador em questões e filosofias sociais específicas. O campo dos movimentos sociais pode ser descrito de forma vantajosa em termos dos aspectos históricos, políticos e ideológicos que têm sido o foco das investigações realizadas desde meados da década de 1920.

O Problema do Compromisso

A ascensão dos partidos comunistas na maioria dos países ocidentais e o desenvolvimento do fascismo alemão afetaram fortemente os estudiosos dos movimentos políticos e sociais. Mesmo o estudo dos movimentos religiosos medievais e de outros movimentos milenaristas foi estimulado, nos últimos anos, por um interesse paralelo nos movimentos políticos de massa do século 20 (veja COHN, 1957).

Os estudos sociológicos, psicológicos sociais de movimentos extremistas tentaram identificar as fontes de lealdade organizacional e ideológica de afiliados e apoiantes. “Fanatismo, entusiasmo, esperança fervorosa, ódio e intolerância” são frequentemente as características do defensor da mudança revolucionária (HOFFER, 1951, p. 11). A ferocidade com que os comunistas, fascistas e outros “extremistas da esquerda ou da direita” se apegam às suas posições de poder é contrastada com as condições da política democrática. Rudolf Heberle (1951, p. 11) até estabeleceu uma analogia entre partidos totalitários e

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 04, jan./jun. 2018.
[190]

disciplinas religiosas, chamando as primeiras “ordens políticas”.

Os estudos sociológicos e psicológicos sociais dos movimentos extremistas tentaram identificar as fontes de lealdade organizacional e ideológica de adeptos e partidários. "Fanatismo, entusiasmo, esperança fervorosa, ódio e intolerância" costumam marcar o defensor da mudança revolucionária (Hoffer, 1951, p. Xi). A ferocidade com a qual os comunistas, fascistas e outros "extremistas" de esquerda ou direita aderem às suas posições de poder é contrastada com as condições da política democrática. Rudolf Heberle (1951, capítulo 15) chegou a fazer uma analogia entre partidos totalitários e disciplinas religiosas ao se referir ao primeiro como "ordens políticas".

Relações Interpessoais

Uma hipótese importante no estudo do processo de comprometimento, é que a lealdade a um movimento é fomentada por meio da rede de relações interpessoais construídas durante o processo de participação. Uma pessoa que se une a um movimento estabelece uma série

de laços pessoais que apoiam e reforçam seu compromisso doutrinário. As pessoas socialmente alienadas encontram no movimento a solução para seus problemas de “pertencimento”. Os estudos sobre deserções entre comunistas ingleses, franceses e americanos revelam que seu comportamento foi influenciado por lealdades interpessoais duais e conflitantes, como, por exemplo, a da família ou da equipe de trabalho, por um lado, e o partido, por outro (ALMOND, 1954; CROSSMAN, 1949). Em certos movimentos sociais, o comprometimento total é fomentado por um ciclo de vida tão controlado pelas atividades organizacionais que impede as relações interpessoais fora do movimento; onde isso acontece, deserção equivale a uma reorientação completa da vida de alguém. Em movimentos mais pluralistas, a adesão ao movimento não afasta o membro de outros papéis concorrentes e até conflitantes.

Estudos Psicológicos

A discussão das raízes da adesão "extremista" ao comunismo e ao fascismo também foi abordada do ponto

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 04, jan./jun. 2018.
[192]

de vista da psicologia. As investigações de T. W. Adorno e seus colaboradores (1950) sobre a “personalidade autoritária” chegaram à conclusão, largamente aceita, que a conjunção de traços masoquistas e sádicos na personalidade de algumas pessoas os predispõem a posições e movimentos políticos antidemocráticos, intolerantes e centrados na autoridade. Ao criticar esta tese, Edward Shils (1954) mostrou que organizações de direita, xenófobas e nativistas nos Estados Unidos demonstraram uma grande incapacidade de subordinar à liderança única e que diversos tipos de personalidade são necessários na mesma estrutura organizacional para que um movimento seja eficaz. Milton Rokeach (1960) também examinou síndromes psicológicas semelhantes de intolerância à ambiguidade entre os defensores das organizações de extrema-direita e extrema-esquerda na Inglaterra e nos Estados Unidos. Toch (1965) desenvolveu uma estrutura útil para analisar as motivações e consequências psicológicas envolvidas no compromisso de adesão para uma ampla gama de movimentos sociais diversos.

Burocratização e Movimentos Sociais

O desenvolvimento de pelo menos uma estrutura organizacional semipermanente é frequentemente essencial para a realização dos objetivos de um movimento social. No entanto, essa organização muitas vezes coloca em ação influências que frustram os ideais que lhe deram origem. Este é o paradoxo: o que é um meio necessário para atingir um fim é frequentemente o meio que frustra a consecução do fim.

A desilusão com a possibilidade de alcançar ideais através de movimentos organizados forneceu a motivação para muitos estudos sobre movimentos sociais no século 20. A principal fonte de interesse para esse “eclipse da missão” deriva da ideologia religiosa: Como os ideais enunciados no pensamento religioso e na crítica profética podem ser traduzidos em estruturas institucionais eficazes? Ernst Troeltsch (1912) foi o primeiro a colocar esse problema com algum grau de precisão teórica quando fez uma distinção entre seita e igreja. Segundo ele, à medida que uma seita se torna uma igreja mais regular e coordenada

(com adesão definitiva, clero treinado e dogmas e rituais específicos), a missão inicial e o impulso emocional do sectarismo são diluídos na perspectiva acomodatória e no caráter racional da igreja. Esta hipótese é parcialmente confirmada em vários estudos sobre movimentos religiosos americanos e ingleses; novas seitas se desenvolvem entre os pobres “deserdados” que acham que as igrejas estabelecidas não atendem mais às suas necessidades. Estas “igrejas dos deserdados” mostram, por sua vez, uma tendência a tornarem-se mais conservadoras ou “parecidas com as igrejas” (NIEBUHR, 1929; POPE, 1942; HARRISON, 1959).

Rotina e Identificação

Os sociólogos contemporâneos têm apontado que o idealismo e o zelo missionário da identificação emocional espontânea com uma causa tendem a ser “corrompidos” pela tendência de todas as organizações a se tornarem “fins em si mesmos”. A doutrina de Max Weber (1922) sobre a rotinização do carisma é a exposição teórica mais importante desse ponto de vista.

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 04, jan./jun. 2018.
[195]

Vários estudos de movimentos políticos e outros foram inspirados por preocupações semelhantes. O trabalho de Robert Michels (1911) sobre o Partido Social-Democrata da Alemanha no início do século 20 foi o mais influente a esse respeito; sua doutrina da lei de ferro da oligarquia enfatizava a inevitabilidade de uma liderança conservadora nos movimentos organizados. Diversos estudos recentes também mostraram a tendência dos movimentos sociais de continuar existindo após os objetivos iniciais terem sido alcançados (MESSINGER, 1955; SILLS, 1957). Implícita neste tipo de estudo é uma teoria da “história natural” das organizações: elas simplesmente envelhecem como qualquer organismo natural. Mas pesquisas mais recentes parecem sugerir que o problema da institucionalização é muito mais complexo. Parece não haver tendência inerente, nas organizações ou nas fontes de compromisso organizacional, para evoluir em direção à acomodação e ao compromisso e, assim, enfraquecer o ardor dos membros e a definição do programa. Nem todas as uniões perdem suas características faccionais (LIPSET et al. 1956); nem todas as seitas

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 04, jan./jun. 2018.
[196]

tornam-se parecidas com igrejas à medida que se tornam regularizadas e estáveis (WILSON, 1961); nem todos os movimentos organizados se tornam acomodatórios (GUSFIELD, 1955). O destino de um movimento depende de muitos fatores, entre os quais as contingências que afetam a resistência, bem como aquelas que mudam o caráter dos seguidores iniciais.

Movimentos de Massa e Sociedade de Massa

O fato de sociedades altamente industrializadas parecerem especialmente propensas a produzir movimentos de massa de vários tipos levou os estudiosos a indagar se não há algo na própria natureza da sociedade de massa que incentive essa tendência. De fato, a concepção da sociedade moderna como uma “sociedade de massas” tem sido um dos principais temas no estudo dos movimentos sociais contemporâneos. Os expoentes dessa visão sustentam que, na sociedade industrial contemporânea, grupos e instituições tradicionais perderam o controle sobre a lealdade e o comportamento dos indivíduos. O enfraquecimento dos laços primários do grupo e a natureza

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 04, jan./jun. 2018.
[197]

impessoal da organização de grande escala alienam os homens das fontes através das quais um processo político democrático é mediado pelos cidadãos e alcançam sua legitimidade. Os indivíduos assim alienados são fáceis de mobilizar em torno de líderes carismáticos e objetivos simbólicos. O estudo de Hannah Arendt (1951) sobre os movimentos totalitários europeus atribui seu desenvolvimento à destruição de uma estrutura de classes na qual a afiliação a um grupo governou comportamentos e atitudes.

Do ponto de vista desse tipo de teoria, era de se esperar que os líderes e aderentes dos movimentos antidemocráticos contemporâneos viessem dos segmentos da população menos integrados às unidades sociais. William Kornhauser (1959, Capítulos 9-12), mostrou que este é o caso de um grande número de movimentos totalitários europeus e americanos: os membros marginais da sociedade não são apenas menos “abertos” ao controle pelas elites, organizações e grupos primários, mas também são mais propensos a serem atraídos pela camaradagem de uma associação ou pela ideologia *antiestablishment*, que

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 04, jan./jun. 2018.
[198]

são tantas vezes encontradas nos movimentos radicais da direita ou da esquerda.

Outros escritores introduziram pontos de vista e observações críticas da teoria da sociedade de massa. Eles sustentam que grupos organizados e integrados são essenciais para que os movimentos sociais sejam efetivos e que é no contexto dos grupos primários e secundários que surgem as novas perspectivas sobre a ordem social. De acordo com esta visão, nem a sociedade contemporânea destruiu a estrutura do grupo, nem as condições da sociedade industrial moderna são tão “alienantes” quanto os teóricos da sociedade de massa afirmam. As pessoas socialmente alienadas carecem da organização social essencial na qual os significados compartilhados poderiam surgir pela primeira vez; pode-se esperar que os movimentos sociais contemporâneos surjam, assim como outros movimentos, de bases sociais distintas. Por exemplo, S. M. Lipset demonstrou que a maioria dos partidários do fascismo alemão, do poujadismo francês e do macartismo estadunidense vinha da classe média baixa em reação à ameaça do desenvolvimento industrial. Da mesma forma, a

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 04, jan./jun. 2018.
[199]

maioria dos defensores do comunismo na Europa veio das classes trabalhadoras e não de pessoas marginais, socialmente alienadas (LIPSET, 1960, Capítulo 05).

Depois do Colonialismo

Desde o surgimento de várias novas nações em áreas que antigamente eram colônias europeias, os sociólogos reconheceram a necessidade do estudo do nacionalismo anticolonial e do impacto das mudanças sociais nos movimentos políticos e sociais das sociedades não-industrializadas. O estudo do nativismo e revivalismo sob a dominação colonial mostrou que esses movimentos tendem a ser precursores de movimentos de independência nacional. Em geral, a análise dos movimentos nacionalistas mostrou sua relação com as mudanças na sociedade tradicional causadas pela política colonial (VAN DER KROEF, 1955).

A revolta dos negros contra a dominação branca constitui um capítulo especial na história dos movimentos sociais desde a Segunda Guerra Mundial. Embora as tensões raciais tenham sido parte de movimentos

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 04, jan./jun. 2018.
[200]

nacionalistas em muitos países africanos e asiáticos, esses movimentos foram mais marcantes na África do Sul e nos Estados Unidos, onde seu objetivo era uma maior igualdade ao invés de separação nacional. No entanto, o movimento geral das nações em desenvolvimento rumo à independência teve um impacto mesmo nos Estados Unidos, como indica o surgimento de um movimento nacionalista negro (ESSIEN-UDOM, 1962).

Referências

ADORNO, T. W. et al. *The Authoritarian Personality*. New York: Harper, 1950

ALMOND, Gabriel. *The Appeals of Communism*. Princeton: Univ. Press, 1954.

ARENDT, Hannah (1951). *The Origins of Totalitarianism*. 2ª edição, New York: Meridian. 1958.

BELL, Daniel. The Background and Development of Marxian Socialism in the United States. In: EGBERT, Donald; PERSONS, Stow Persons (eds). *Socialism and American Life*. Volume 1, Princeton: Univ. Press. 1952.

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 04, jan./jun. 2018.
[201]

BLUMER, Herbert (1946). *Collective Behavior*. In: LEE, Alfred (ed.). *New Outline of the Principles of Sociology*. 2ª edição, rev. New York: Barnes & Noble, 1951.

BLUMER, Herbert, *Collective Behavior*. In: GINTTLER, Joseph (ed.). *Review of Sociology: Analysis of a Decade*. New York: Wiley, 1957.

CANTRIL, Hadley. *The Psychology of Social Movements*. New York: Wiley, 1941.

COHN, Norman. *The Pursuit of the Millennium: Revolutionary Messianism in Medieval and Reformation Europe and Its Bearing on Modern Totalitarian Movements*. 2ª edição, New York: Harper, 1957.

CROSSMAN, Richard (ed.) (1949). *The God That Failed*. New York: Harper, 1959.

ESSIEN-UDOM, *Black Nationalism: A Search for an Identity in America*. Univ. of Chicago Press, 1962.

FROMM, Erich (1941). *Escape From Freedom*. New York: Holt, 1960.

GREEN, Arnold; MELNICK, Eleanor. What Has Happened to the Feminist Movement? In: Gouldner, Alvin W. (ed.). *Studies in Leadership*. New York: Harper, 1950.

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 04, jan./jun. 2018.
[202]

GROSS, Feliks. *The Seizure of Political Power in a Century of Revolutions*. New York: Philosophical Library, 1958.

GUSFIELD, Joseph R. Social Structure and Moral Reform: A Study of the Woman's Christian Temperance Union. *American Journal of Sociology*. 61:1955

GUSFIELD, Joseph R. *Symbolic Crusade: Status Politics and the American Temperance Movement*. Univ. of Illinois Press, 1963.

HARRISON, Paul M. *Authority and Power in the Free Church Tradition: A Social Case Study of the American Baptist Convention*. Princeton: Univ. Press. 1959.

HEBERLE, Rudolf. *Social Movements: An Introduction to Political Sociology*. New York: Appleton, 1951.

HOBBSBAWM, Eric (1959). *Primitive Rebels: Studies in Archaic Forms of Social Movement in the 19th and 20th Centuries*. 2a edição. New York: Praeger, 1963.

HOFFER, Eric. *The True Believer: Thoughts on the Nature of Mass Movements*. New York: Harper, 1951.

HOLTZMAN, Abraham. *The Townsend Movement: A Political Study*. New York: Bookman Associates, 1964.

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 04, jan./jun. 2018.
[203]

HYMAN, Herbert; SHEATSLEY, Paul B. Attitudes Toward Desegregation. *Scientific American* 211, July: 1964.

KORNHAUSER, William. *The Politics of Mass Society*. Glencoe: Free Press, 1959.

LIPSET, Seymour M. *Agrarian Socialism; the Cooperative Commonwealth Federation in Saskatchewan: A Study in Political Sociology*. Berkeley/Los Angeles: Univ. of California Press, 1950.

LIPSET, Seymour M. *Political Man: The Social Bases of Politics*. Garden City: Doubleday, 1960.

LIPSET, Seymour; TROW, Martin; COLEMAN, James. *Union Democracy: The Internal Politics of the International Typographical Union*. Glencoe: Free Press, 1956.

MCCULLY, Bruce. *English Education and the Origins of Indian Nationalism*. New York: Columbia Univ. Press, 1940.

MESSINGER, Sheldon. Organizational Transformation: A Case Study of a Declining Social Movement. *American Sociological Review*, 20, 1955.

MICHELS, Robert (1911). *Political Parties: A Sociological Study of the Oligarchical Tendencies of Modern Democracy*. New York: Dover, 1959.

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 04, jan./jun. 2018.
[204]

MISRA, Bankey. *The Indian Middle Classes: Their Growth in Modern Times*. London: Oxford Univ. Press, 1961.

MUNCH, Peter. The Peasant Movement in Norway: A Study in Class and Culture. *British Journal of Sociology*, 5. 1954.

NIEBUHR, Richard (1929). *The Social Sources of Denominationalism*. Hamden: Shoe String Press, 1954.

PERLMAN, Selig (1928). *A Theory of the Labor Movement*. New York: Kelley, 1949.

POPE, Liston. *Millhands and Preachers: A Study of Gastonia*. New Haven: Yale Univ. Press; New York: Oxford Univ. Press, 1942.

ROKEACH, Milton. *The Open and Closed Mind: Investigations Into the Nature of Belief Systems and Personality Systems*. New York: Basic Books, 1960.

RUDÉ, George (1959). *The Crowd in the French Revolution*. Ed. Rev. Oxford: Clarendon, 1960.

SHILS, Edward A. Authoritarianism: "Right" and "Left." Pages 24-49 in Richard Christie and Marie Jahoda (editors), *Studies in the Scope and Method of The Authoritarian Personality*. Glencoe: Free Press, 1954.

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 04, jan./jun. 2018.
[205]

SILLS, David L. *The Volunteers: Means and Ends in a National Organization*. Glencoe: Free Press, 1957.

SMELSER, Neil J. (1962). *Theory of Collective Behavior*. New York: Free Press, 1963.

TOCH, Hans. *The Social Psychology of Social Movements*. Indianapolis: Bobbs-Merrill, 1965.

TROELTSCH, Ernst (1912) *The Social Teaching of the Christian Churches*. 2 vols. New York: Macmillan. 1931.

WEBB, Sidney; and Webb, Beatrice (1894) 1950 *The History of Trade Unionism*. Rev. ed. London and New York: Longmans.

WEBER, Max (1922). *The Theory of Social and Economic Organization*. Glencoe: Free Press, 1957.

WILSON, Bryan R. *Sects and Society: A Sociological Study of the Elim Tabernacle Christian Science, and Christadelphians*. Berkeley: Univ. of California Press, 1961.

WORSLEY, Peter. *The Trumpet Shall Sound: A Study of "Cargo" Cults in Melanesia*. London: Mac-Gibbon & Kee, 1957

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 04, jan./jun. 2018.
[206]